

07-06-2022

Dia Nacional da Liberdade de Imprensa

# IMPrensa DE RESISTÊNCIA NA DITADURA

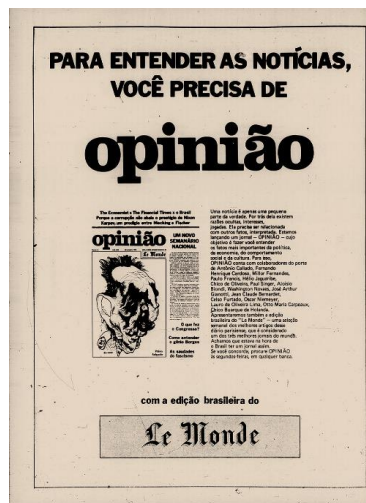
Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de clipping]

A imprensa de resistência, na ditadura militar de 1964 no Brasil, com criatividade, inteligência, humor, solidariedade, coragem e altivez é motivo de orgulho do jornalismo. Resgatar a luta e o espírito dessa nossa gente que passou por censura, foi presa, torturada, exilada, deu a volta por cima, e não baixou a cabeça... contribui para reacender a chama do sindicalismo histórico. Na assessoria de imprensa sindical, trago recortes do muito que se produziu entre 1964 e 1979 para este espaço democrático e engajado que, no retrocesso dos dias atuais, mantém-se na resistência. Os temas da imprensa alternativa daquele período, como em nossa Coluna Opinião, eram diversificados e abordavam, ora com veemência ora com fina ironia, de modo contra-hegemônico e crítico, as mazelas nem sempre assim noticiadas pela grande imprensa. A imprensa alternativa não parava, se censurada, fazia uso das metáforas, da dupla linguagem; se presos os seus principais editores e colaboradores, as equipes de retaguarda e os intelectuais da época entravam em ação; se explodidas suas sedes (e foram), continuavam atuando na clandestinidade; se expulsos os protagonistas, suas palavras reverberavam no exterior... Emocione-se com "Resistir é preciso" (seriado/10 episódios) sobre a história de muitos "craques" no amor à democracia... no movimento sindical que deixou

clara sua oposição ao golpe militar... ..

A imagem ao lado é do Jornal Opinião (Edição 00000, p.4), de 23 de outubro de 1972, periódico semanal da imprensa alternativa vendido nas bancas de jornais, que circulou no Brasil entre 1972 e 1977 sob as ditaduras de Médici e Geisel. Iniciando de forma experimental, atingiu uma tiragem de 38 mil exemplares no primeiro ano e, ao lado de O Pasquim, Pif-Paf e outros, divulgava artigos de jornalistas e intelectuais contrários ao regime militar.



Jornal Opinião

Editado por Fernando Gasparian, empresário e dirigente sindical cassado pelo AI-5, após retornar do exílio, o semanário atuou sob forte censura e foi obrigado a interromper as atividades em abril de 1977 após ataque a bomba de sua sede. O projeto gráfico era de Elifas Andreato (que nos deixou em 29/03/22) e ilustrado por Cássio Loredano.

Antônio Callado, Celso Furtado, Millôr Fernandes, Paulo Francis, Chico de Oliveira, José Arthur Giannotti, Oscar Niemeyer, entre outros, colaboravam no Jornal Opinião. Leia o discurso emocionado do sertanista Orlando Villas Boas (nº.15, p.4, 1973) que clama pela vida dos indígenas Kreen-Akarores (Panará): "Cometemos (mais um crime) em nome da civilização. [...] Um povo está morrendo..." Indigne-se com Antônio Callado, que revela a impotência dos sertanistas Rondon, Darcy Ribeiro, Noel Nutels e outros, forçados a não protestar, porque "índio tem que sair da frente ou morrer depressa pois nossa grande civilização não pode se atrasar". Atravessar o Brasil com megaempreendimentos, estradas, garimpo e atrocidades era o que interessava (e ainda é). Vergonhosos crimes das "antígentes" (Villas Boas)! "Antígentes" - que não se importam com a extinção das matas e de seus povos, e idolatram, saudosos, os tempos da ditadura – reavivem a memória! Os atrativos para a importação de indústrias na ditadura sob Médici aprofundariam ainda mais o fosso da concentração de renda, conforme previsto na "Hong-Konguização" (Chico de Oliveira, Opinião, ed. 00001, p.4, 1972). Os tais atrativos para os empreendimentos estrangeiros eram a isenção de impostos, a mão-de-obra barata e calada com os sindicatos nas rédeas da ditadura, a exportação livre dos produtos, necessitando 'apenas' exterminar milhares de indígenas para a passagem da rede viária de escoamento dessa produção...



O Pasquim

Informando com humor, irreverência e crítica atilada, Millôr Fernandes, Paulo Francis, Ivan Lessa, Redi, Miguel Paiva, artistas, e outros, conquistaram os cariocas, tornaram-se indispensáveis nas rodas de botecos, nas piadas de família, na canção de Erasmo Carlos e Roberto... 'frestinhas' naqueles dias de "medo de abrir a boca". Em pouco tempo atingiu 220 mil exemplares vendidos. Essa popularidade levou o regime a não impedir seu funcionamento, preferindo minguar aos poucos os anunciantes; o medo de represálias (incendiava-se bancas de jornais) levou jornalistas e consumidores a desistirem dos exemplares e O Pasquim não mais circulou... ..

O Pasquim periódico editado por Tarso de Castro, Jaguar e Sérgio Cabral (pai), lançado ousadamente seis meses após o AI5 - é bem representativa do estilo pasquim, satírico, de caricatura literária. Numa demonstração clara de desprezo pela cultura, a ditadura covarde prendeu, exilou e torturou alguns dos diversos colaboradores 'nomeados' pelo "Bode Orellana" (personagem do cartunista Henfil).

continua

**Pif-Paf** foi a precursora da imprensa alternativa na Ditadura e saiu de cartaz devido à ADVERTÊNCIA (abaixo em amarelo), por Millôr Fernandes, hoje, mais do que NECESSÁRIA. Lançada em 21/05/1964, logo após o golpe militar, foi uma revista premonitória de oito edições que criticava o arbítrio com irreverência, coragem e indignação. Editada por Millôr Fernandes, Claudius, Fortuna, Jaguar, Ziraldo e outros.

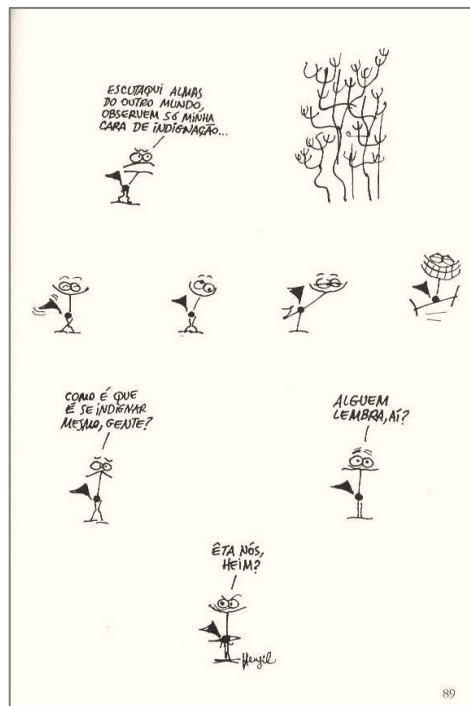
## ADVERTÊNCIA!

QUEM AVISA, AMIGO É: SE O GOVÉRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE CERTOS JORNALISTAS FALEM EM ELEIÇÕES; SE O GOVÉRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE DETERMINADOS JORNAIS FAÇAM RESTRIÇÕES À SUA POLÍTICA FINANCEIRA; SE O GOVÉRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE ALGUNS POLÍTICOS TEIEM EM MANTER SUAS CANDIDATURAS; SE O GOVÉRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE ALGUMAS PESSOAS PENSEM POR SUA PRÓPRIA CABEÇA; E, SOBRETUDO, SE O GOVÉRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE CIRCULE ESTA REVISTA, COM TÔDA SUA IRREVERÊNCIA E CRÍTICA, DENTRO EMBREVE ESTAREMOS CAINDO NUMA DEMOCRACIA.

[PIF-PAF](#) (Millôr Fernandes, 28/08/1964)

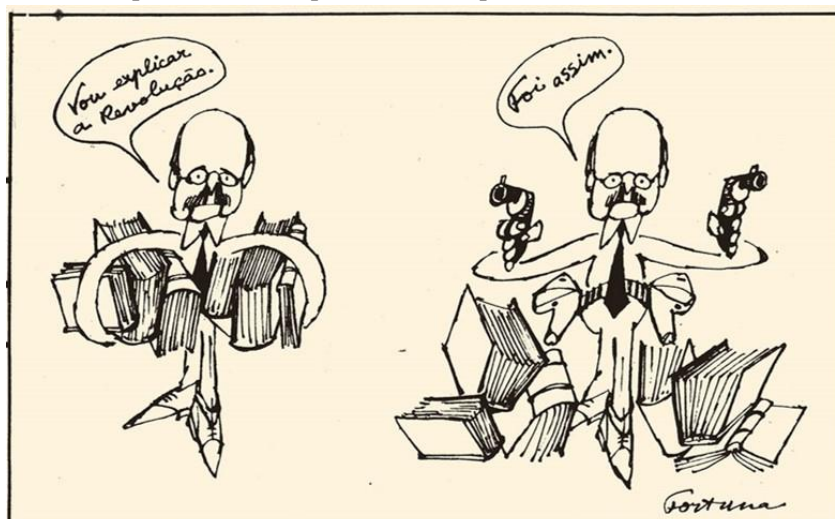
E o que dizer da resistência de Henfil (1944-1988) - que tão cedo nos deixou vítima de duas doenças (hemofilia e aids) que ainda hoje nos desafiam - na mensagem da saudosa Graúna mostrando o caminho no qual precisamos persistir. Determinação em defesa da democracia que, nem nos momentos mais difíceis de perseguição política e de agravamento de sua saúde, abandonou.

"COMO É QUE É SE INDIGNAR, MESMO, GENTE?" (Henfil)



[Henfil - Graúna](#)

Encerro com a ilustração de Fortuna (Pif-Paf) como ALERTA diante dos tempos atuais de monstruosas chacinas e de ameaças cotidianas à democracia. A 'explicação' do Golpe de 1964 não poderia ser mais cristalina.



[Pif-Paf, 22/06/1964](#)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.